

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## BARCELLOS HA 50 ANOS

### II

#### AS FESTAS A S. JOÃO

Bons tempos aquelles em que nas festas a S. João Baptista não dominava sómente o gaudío dos arraiaes em folgança, mas que, simultaneamente, eram animadas pelo espirito religioso, que christianizou as antigas festas astrolaticas do paganismo, cortando desmandos, reprimindo vícios e incuicando a piedade christã como grande auxiliar da civilisação e da moral. Mas, deixemos isto e vamos ás nossas festas ao Santo Precursor, aqui em Barcellos, ha cincoenta annos.

As festas a S. João eram de iniciativa da meza administradora da confraria de S. João, erecta na Igreja da nossa Collegiada, e que nunca primou em administrações modéllas, mas que então tinha mezarios, que, á sua custa, faceavam as despesas de tão imponente festividade.

Todos com muita vontade, com muito zelo, com muita dedicacão, e alguns d'elles com muitos meios de fortuna. Estou a vêr como aquelles rapazes d'então, dos quaes só hoje existe um velho tão respeitavel como respeitado, trabalhavam aqui no Campo da Feira, principalmente no adorno do vestueto chafariz, com um afan, que hoje chega a fazer inveja!

Elle era João Bernardino Rodrigues Dourado, tio materno do maior amigo que eu tenho; elle era João Joaquim Pereira, secretario da administração d'este concelho e avô materno do actual, Secundino Pereira Esteves: elle era Antonio Joaquim de Miranda Villas-boas, Antonio de Souza Lima, João Baptista Pereira Rebello, Antonio Joaquim Monteiro, de Barcelinhos, Manuel José Alves Redondo da Cruz, o unico vivo ainda, como reliquia veneranda d'aquelles tempos de tanto enthusiasmo e de tanta vida, que eram a alma d'aquellas festas como outras se não tem feito.

O arraial era no Campo da Feira, todo arruado com grandes ramos de carvalho e de amieiro, que vinham da deveza da quinta da Granja á margem do rio.

A illuminação era de laranja preparada por um tal Pederneira, um tecnico n'aquelle genero de trabalho, e repartida pelos ramos espalhados e plantados por toda a extenção do Campo da Feira desde o passeio das Obras até ao convento e Igreja das Freiras.

No centro levantava-se o velho chafariz, illuminado a luz viva da tigellinha com sêbo, vestido com festões de murta, flores... uma belleza!

A banda da muzica barcellense tocava no meio do arraial, sem palanque, por que então não se uzava, o hymno do Santo Precursor, peça obrigada em toda a noite, e que se confundia com as esturdias e canções do povo em que obrigada era só a cantiga ao S. João. Nem havia Mascottes, nem Barbeiros de Sevilha, nem Mercadautes, nem Africanas, nem nada theatral, o S. João, e só o S. João; o hymno da festa.

O fogo do ar soltava-se de junto do antigo muro, que circundava os campos e cerca do hospital em frente á Igreja. O fogo preso de rodas e de macacos era muito, e muito variado. Queimava-se então fogo, que dava para trez ou quatro dos melhores arraiaes, que, n'estes últimos annos, se tem feito aqui.

O fogo durava até ás 2 horas da manhã, e o arraial despovoava-se quando tocava para a missa da Misericordia, ás 3 horas, enchendo-se a Igreja do hospital, aonde celebrada aquella missa, finda a qual cada um se recolhia as suas cazas.

Em o dia de S. João havia missa solemne com exposicão do S.S. Sacramento na capella da confraria da Igreja da Collegiada, e acompanhada a orgão, pela capella do Alho e José do Amaral, um dos melhores organistas que se tem creado n'este paiz. Barcellos fez bem deixar estragar de todo os orgãos das suas Igrejas, depois que a morte gelou aquellas mãos; e só os deve reconstruir, quando aqui tenha fallecido a ultima pessoa que ouviu o José dos Terceiros tocar orgão.

Pelas 3 para as 4 horas da tarde havia sermão na Collegiada, findo o qual, sahia a procissão assim disposta.

Um grupo de rapazio saltando e berrando— «ô pae velho! ô manta da burra!»—desafiava os *pães das gigantes*, dous garotos muito travessos com enormes caraças, tocando em conchas, um d'elles vestido de velha, correndo atraz dos rapazes, que os desafiavam, iam abrindo caminho e provocavam gargalhadas pelas alas de povo, que esperava a procissão. Logo atraz as celebres gigantes, dançando ao toque de tambores e de zabumbas; depois, o carro das hervas adornado com primor a murta e cravos. Seguia-se o baile das ovelhas, typos vestidos de pastores da serra, com enorme manada de ovelhas e anhos, com chifres e borrachas ao tiracollo; apoz este, o baile dos pretos, exhibição que foi importada para Barcellos por um sujeito, que morreu com o nome de Chicherichi, nem outro nome lhe conhecemos, e veio-lhe elle de uma canção do tal baile dos pretos:

## A LAGRIMA

«Chichi cherichi  
«Chichi cherichê  
«Minina bonita  
«Pr'a prêto não é!»

Apoz este, o baile dos pastores com outro carro como o daservas levando dentro um menino, representando S. João, com um cordeirinho preso por uma fita de lã vermelha. Atraz d'este, o baile do penedo, ensaiado tambem pelo Chicherichi. Ahi estão ainda vivos dous amadores d'este baile desde a sua primitiva—João Bernardo do Amaral—o magico, com o seu: «grú grú, bicos de Perú,—e Bento do Amaral—um dos mouros, que era portador da—*arrudial*. Depois, o baile do Rei David; e seguia-se o cortejo religioso, aberto pela confraria de S. João em que vinham incorporadas todas as confrarias da villa, entre as quaes vinha, em andar processional, a Veneranda Imagem de S. João Baptista com um pé de milho mas já espigado, que nunca faltava; atraz era conduzido o S.S. Sacramento debaixo do pallio fechando o prestito a banda de muzica barcelletense. As ruas e largos por onde passava a procissão estavam engalanadas com bandeiras e colgaduras de damasco.

Recolhida a procissão, espalhavam-se então os bailes pelas ruas da villa, e, uns apoz outros, iam pelas portas dos mezarios de S. João, e de outras familias mais gradas fazerem as suas danças, e mostrarem as suas exhibições, que, não raro, começavam já em antes de se irem incorporar na procissão, durante a qual apenas cantava o dos pastores e tocava o do rei David. Dous dias de festa cheia para o profano e para o sagrado; e só assim se podem conhecer as festas do christianismo: do contrario é ir para traz.

### ARCHEOLOGO.

O correspondente d'esta villa para o «Journal de Noticias», personalidade litteraria que não temos a honra de conhecer, descrevia, ha dias, uma tarde serena e formosa.

Dizia elle que o ceo era azul e limpido, um ceo d'anil. E, depois: «...nuvens grossas, como enormes cetáceos, corriam apressadas na mesma direcção».

Nem sabemos qual a direcção, nem como o ceo podia ser sereno e d'anil, com as taes nuvens cetáceas a correr por elle adiante.

Litteratices de balcão.

### NOTAS DA QUINZENA

A ultima foi de pancadaria. Esta foi de paparoeca. E' magnifico. Depois da coça nos lombos, veio o mel á pança. Jantares e mais jantares. E houve de tudo, desde os afamados pela abundancia da Lucillo até aos parcos da parcimonia spartana.

O mais fino e mais distincto foi o da cerca. Houve alegria como festões de verdura. Champagne e Luerim Christi bebeu-se aos almudes...

Em S.<sup>a</sup> Leocadia, jantar offerecido pelo sr. presidente (vice) á Commissão Municipal e aos empregados da secretaria da Camara. Elle muito amavel. Bigode pequenino, mas alma bastante grande. O nosso amigo José Marcelino conta que foi uma tarde cheia.

No Bom Jesus do Monte, jantar d'uma familia ahi da rua de D. Maria II, onde bastantes damas gantis e loiras gentilissimas.

Na Lama, jantar de digressão, onde a gente se fez representar por si propria e pelo proprio estomago. Exame a quadros antigos, com amabilidade do feitor da casa d'Azvedo e *prochales* de riso pela innocencia um pouzo adamica d'um antigo carcereiro d'esta villa.

Em Tibaes, outro, onde um dos apepinadores da «Lagrima» metteu tambem a sua colher, depois de chegar o phosphoro sellado ao «P. de Janeiro» para em 2 minutos arranjar um bife.

Na Afurada, jantar promovido por um grupo de barbados, boa gente.

Em casa do sr. dr. Ferroira da Fonte jantar offerecido ao sr. dr. João Novaes pelos empregados da Camara. Fizeram o que faz um homem de bem. Pagar o que deviam. E quem paga o que deve sabe o que lhe fica. D'este jantar devia ficar-lhe muita alegria e boa camaradagem. O Dias serviu o vinho, e affirma que as vasilhas eram todas afferidas. Bom bôjo e magnifico conteúdo. O continente era tambem de merecimento, porque o sr. dr. da Fonte ainda tem canecas da China.

N'uma freguezia proxima, jantar offerecido a amigos por um caixeiro da villa, que ficou livre do recrutamento. Este foi mais fino. Em vez de gastar dinheiro com promessas a santos, gastou-o com as barrigas, a d'elle, a dos amigos, e a d'uma muzica em corpo e instrumentos, trombones e tudo sem faltar o bombo. Mas aconteceu uma desgraça. A creada quebrou as terrinas pelo caminho, o doce fez-se em agua por causa do calor, e os amigos e os muzicos tiveram de servir-se de pão e vinho, vinho e muzica e muzica e pão. Peras por sobrezeza.

Hoje, jantar na Franqueira, promovido pelo nosso conspicuo amigo sr. D. Carneira. Deve ser o melhor pela harmonia. Com muzica afinadinha e grandes gestos largos de bom humor e boa alma.

Uf... que, depois de tantos jantares, é preciso descansar e dormir, como dizia o annexim fradesco—post prandium dormire...

\*

Agora, depois de descansar, o acontecimento mais palpitante da quinzena.

Vinho a 30 reis!!

## A LAGRIMA

No Campo de D. Carlos, que foi onde brotou esta fonte divina e milagrosa, aquilo tem sido uma romaria.

Corre gente para alli, assim como formigas para um formigueiro. No primeiro dia, quem não sabia do acontecimento julgava que havia fogo, e até chegaram algumas mulheres a pegar em cantaros correndo desabridamente.

O fogo foi, porem, ao fim da tarde. Apesar da tal fonte se ter tocado um bocadinho, ainda assim levou fainças á cabeça de alguns parceiros, que se desancaram a valer.

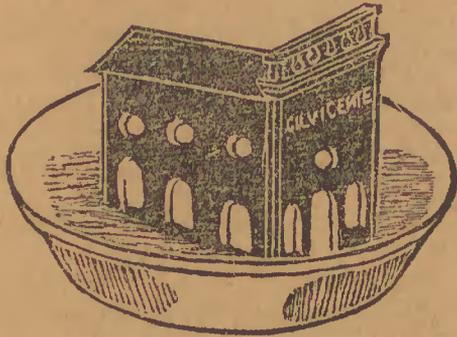
Cousas ei da Parvonia:

Vinho, jôgo e...

O resto que o diga o sr. Dom Priôr!

### THEATRO

Como v'cêmpela nossa gravura, o theatro mergulha n'uma tina.



E o que a tina tem dentro é simplesmente agua de bacalhau...

Não é né...

Um dia d'estes, um sujeito da rua Direita perguntou a uma vizinha que é um bouquet de graça:

—(O' sr.<sup>a</sup> D. F., o que significa a palavra dandy?)

—Olhe, procure n'um dicionario...

D'ahi a instantos veio o perguntador com o livro aberto, e leu:

—... é uma porção d'arcia situada entre Portugal e Hespanha.

Esta é pyramidal...

(Amigo, v. não encontrou no dicionario portuguez essa palavra, porque é ingleza; assim como, se andasse a procurar em Barcellos um dandy, não o encontrava, a não ser imitação...)

O dialogo foi ouvido por poucas pessoas, porque os pedreiros que trabalham nas obras d'aquella rua faziam muito barulho a picar pedra. Antes assim, porque estas coizas é conveniente não se saborem.

### CARTA

O sr. J. Bilhelha, habitual proprietario de roletas ambulantes que, aos domingos e quintas, costumam estar alli ao pé do Senhor da Cruz, dirigiu-nos a seguinte carta:

... Sr.—No penultimo domingo foi-me apprehendida a rolêta e levados uns magros cobres (240 rs.), com o fundamento de que o jôgo estava prohibido. O sr. Secun lininho foi até o que me botou a luva, e o Belita o que guardou o milho.

Na quinta-feira immediata jogou-se todo o dia e noite. E' verdade que não foi ao ar livre, e com patacos e vintens, foi n'uma casa muito agazalhada por cauza das moscas.

Como v. ... costuma fazer justiça no seu jornal a «Lagrima», diga-me o que devo fazer.—J. Bilhelha.

O que deve fazer é pegar na sua rolêta e queimar-a, porque é pobre e não presta.

E, se quizer viver, bem metta-se socio da outra.

Quanto á justiça, está cega, e até os «Pontos e Virgulas» já a pintaram com a corda no gassetete e a lingua de fóra.

Depois d'un jantar, com muita alegria e muitos copos:

—Parece que estás incommodado, menino. ¿Tu que queres? ¿Queres um chásinho?

—Não. Eu qu... er... o bicheza.

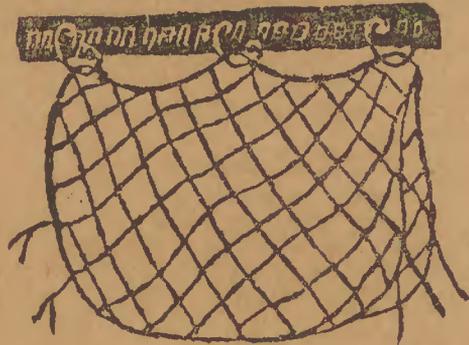
Ora vão lá advinhar que bicheza quoria este patusco...

Consta-nos que a nossa illustradissima camara mandou vir de Pariz o projecto d'uns cabides de luxo.

Hade perguntar o leitor:

—E para que é que são esses cabides de luxo?

—Para dependurar a rede que se destinava á caça dos cães.



E' boa ideia. Em logar de se estragar no chão,

## A LAGRIMA

é muito melhor dependural-a. Recebe mais ar; não se corta, e faz de cortinado...

Ou então fazer presente d'ella ao melhor caçador do concelho, para tapar as covas aos coelhos, em qualquer tempo, visto que cá em Barcellos não ha Club de caçadores, nem caçadores, porque ninguém respeita o deffezo.

Acham os «Pontos e Virgulas», semanario artisticamente bem feito, quanto litterariamente mal redigido, que «esguichamos umas considerações friandoleseas a apotheosar o nome d'um amigo.»

E como a apothecose lhe pareceu descabida, «uma amalgama de retholicacões», os «Pontos e Virgulas» tecem este ideal:—«Dá-nos vontade de ser burro só para lhe pregar quatro parselhas d'estallo».

A «Lagrima» percebeu perfeitamente. E, para lhe ser agradável, aqui lhe appresenta este par de ferraduras.



São para as mãos. As dos pés ainda podem durar mais tempo.

Que pandegos estes! Pois não perceberam que aquillo era troça? Pois não lhes tocou o bestun-to aquella palavra ingleza grifada?

Quizeram ter espirito, e pedem ferraduras!

Espirito azinino.

Bem diz o anexim latino—*ligere et non intelligere est burrigere.*»

Parece mesmo tallhado para os «Pontos e Virgulas.»

Um thesouro debaixo da terra.

Ha ainda, neste fim de seculo, muita gente que crê em mouras encantadas; em feiticeiras que arrastam em noites argenteas, por um luar bello, os seus mantos feitos d'espuma do mar por entre os pinheiros aglomerados; que guarda pendurado no tecto da casa, como thermometro de felicidade, a herva da fortuna colhida na orvalhada manhã de S. João; que se recolhe a

casa em antes do dar da meia noite para não encontrar na rua o setimo filho *corredor*, transformado em gato assanhado, ou cão mordedor; e finalmente que protesta em dormir em cama cujo pé esteja voltado para o lado da porta principal da rua...

O sr. João dos Brancos não é perfeitamente d'estes, mas tambem tem lá o seu quê de crendices nebulosas no cerebro. Tinham-lhe dito que na casa em que habita existia enterrado um thesouro. Um dia d'estes viu por entre uma abertura do soalho uma pedra de forma exquisita enterrada no chão.

Despregar uma tabua, levantar a pedra, revolver a terra, desesperar-se, desanimar, suar, não encontrar nada, ter de mandar concertar o soalho, gastar dinheiro, e ficar de bocca aberta—toi uma bóia, sr. João.

E uma lição... dlim, dlim, dlim...

Por occasião das festas de S. Pedro vieram a Barcellos bastantes forasteiros.

Um d'elles, passando na rua Direita, ficou admirado da grosseria dos passios lateraes. Aquillo parece que não vê escôda.

Disse-lhe, porem, um defensor da obra:

—Aquillo, depois, hade ser *lixado*, e já fica bem.

Sim. E' questão de lixo a mais ou a menos.

### INCIDENTE

Ali em Aldreu houve n'outro dia uma tourada, isto é, uma vaccada. Sim, porque em vez de touros temos em açção uma vacca animada por dois «bois» humanos...

São estas umas corridas que se fazem mesmo num terreiro, e que dispensam a luz electrica... Os espectadores tambem não são muito exigentes, dispensam a sorte de morte e outras. Quando vêm o bicho para a arena uns lavradores encarcados só fazem umas «pegas» de lingua. E estavam-se n'isto, mas um espectador, um alma do diabo, desalmado de todo, querendo tambem fazer a sua «pega», pega n'um phosphoro, accende-o e pega fogo á careça d'um lavrador-bandarilheiro, que pegou logo!.. E morria assado se não lhe aco-dem.

O gracejador inquisitorial foi preso...

### O QUE HA PARA HOJE

Variado sortido de calças, no Loureiro; regata no rio (?); papel para bouquets e ditos, no Carmona; grande festividade em Beiriz; luvas de pellica, no Coelho da Cruz & C.<sup>ª</sup>; festividade no Terço; gravatas modernas, no Alves; festa d'egreja e romaria, em Fornellos; cordas italianas, legítimas, no Antonio Azvedo.